

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA. GUIMARÃES 2012.

TEIXEIRA, Francisco

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

Como citar este documento:

TEIXEIRA, Francisco, Capital Europeia da Cultura. Guimarães 2012. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 59-64.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

1. Movimento, imobilidade e indústria

Há uma relação conhecida entre o movimento e a cognição. Em movimento pensa-se melhor. A ideia e a prática são antigas. Os “peripatéticos” (de *peripatetikós*, o que gosta de passear, em grego) devem o seu nome ao hábito de ensinarem e aprenderem em movimento. A isso não será estranho Aristóteles ter sido um filósofo e um naturalista (ao tempo a distinção não existia) para quem o conhecimento exigia não só especulação mas uma relação empírica com o mundo, um debruçar-se anatómico sobre as coisas. Se a natureza das coisas dependia não só de uma ideia mas também da sua encarnação, era provável que a andar se pensasse melhor. Talvez sem querer (mas tornando-se um caso fascinante de como a imaginação se confirmou pela experimentação), assim se estabeleceu que a natureza do pensamento é propriamente motora, ou locomotora. Pensar exige, pois, movimento e exercício físico (o que coloca os difíceis problemas de saber como é que o mundo em geral e a educação em particular se tornaram locais de conferencistas sentados e como pode haver leitura sem algum tipo de movimento, nem que seja das mãos, por exemplo folheando, sublinhando ou anotando).

Mas a história não cabe num parágrafo. Tudo se complicou e nos trouxe onde estamos (e sempre com Aristóteles). A justaposição do pensamento ao movimento conduziu, com o advento da tecnologia, à reprodução infinita, à prática da produção industrial pela qual se assimila

¹ Presidente da Associação Artística Vimaranesse - fjateixeira@gmail.com.

à cognição a propriedade da repetição e do movimento infinitos. O dinheiro e a produção, que para ganharem escala precisam de repetição e diminuição/eliminação do tempo, assimilaram notavelmente o movimento à força maquinaica da progressão industrial e digital. Para ganhar dinheiro há que pegar no tempo gasto, no movimento, e reduzi-lo ao mínimo, acelerando-o. Ora, toda a gente sabe que a mais intensa aceleração se confunde com a imobilidade e pode confundir mesmo a seta do tempo. Muito movimento, muita aceleração, redução do tempo, imobilidade (*quicá eterno retorno do mesmo*).

A ideia de “motor imóvel” não contemplava esta dimensão empírica de que o movimento tendesse para a imobilidade (na mecânica clássica o tempo empírico é infinito, embora, com a relatividade geral, associado ao espaço e à massa, há quem defenda a sua finitude, no que teríamos, novamente, Aristóteles) e, portanto, para uma espécie de metástase cognitiva, fazendo com que a locomoção/cognição se engolissem a si mesma, tornando-se parálitica. Mas é impossível não perscrutar aí a visão de uma antecipação cega do pensamento como deserto do real, aquele momento em que o motor de tanto se reproduzir se constitui como uma imobilidade, uma eterna igualdade de si mesmo, produzindo passado e futuro sempre iguais. Eis a indústria e a inteligência artificial! O fim anuncia-se, portanto.

Bem entendido, a aparência de movimento mantém-se como ideologia, como falsa consciência. Aliás, talvez seja a única coisa que se mantém verdadeiramente, enquanto tudo o resto está parado.

Mas há outra linha de fuga para a compreensão da relação do pensamento com o movimento, ou a locomoção, uma espécie de ponto cego da pedagogia peripatética. É aquela que vai do pensamento enquanto movimento ao pensamento enquanto artesanato. O artesanato é aquilo que ocorre, sobretudo, pela categoria do tempo lento. Não evita o tempo, claro. Mas, neste caso, o artesanato luta contra o tempo rápido e reprime as suas pulsões totalizadoras e totalitárias. O tempo artesanal, que é o tempo lento, configura uma mediação e um desdobramento entre o agir e o pensar que exige espaço e saltos lógicos, imprecisões, repetições assimétricas, erros, avanços e recuos, desvios, redundâncias, assonâncias, dissonâncias, estranhamentos, profundidades e subtilidades mais ou menos vis ou vãs. Enquanto o tempo veloz, no limite, se recolhe

a si próprio, sem sair do sítio, talvez sob a forma de um algoritmo universal capaz de subsumir todos os algoritmos particulares, o tempo lento, cheio de *bugs*, como uma maldição, dá sempre um passo para qualquer lado, diferente de si, exigindo combate, vitória e derrota.

O tempo artesanal que se pode entrever na pedagogia peripatética tem, para além disso, muito de sócrático, visto do viés erótico do *Banquete* (que não da falsa dialética do Sócrates beato e edificante). É que o artesanato é intrinsecamente erótico. Tem a ver, antes de tudo o mais, com as mãos e as pernas, guiado por uma cegueira dramática e obscura, por uma maquinaria que joga em cada pensamento sempre um não sei quanto de atrito, uma falta, uma falha, um desejo e, portanto, uma virtude dolorosa de não-repetição e de ausência. Este movimento cognitivo artesanal que os mestres gregos nos legaram, incluindo os antiaristotélicos (os materialistas, empiristas, sensualistas e antiessencialistas, como é o caso do epicurismo), está nas antípodas da indústria e, sobretudo, da indústria digital. É um tempo industrioso, bem entendido. Mas não industrial. Tem habilidade para as reentrâncias e as sínopes ocasionais, vocação para o combate e luta e é completamente refratário à mobilização infinitamente rápida do tempo e às virtudes da repetição limpa. O que lhe está mais próximo nas atividades humanas é, pois, aquilo que aí é intrinsecamente erótico, como o cuidar, o comer, o dançar, o falar e a troca fluida do sexuar em geral. Se sucumbe à velocidade e à higienização da repetição infinita, nesse caso o tempo artesanal torna-se industrial, deixa de ter qualquer valor e a limpidez torna-se vazio. Daí, aliás, a *memòràbilità* do vinil, por exemplo, que em vez da limpidez sonora busca o ruído e o erótico do espesso, pesado e impuro.

A *Capital Europeia da Cultura - Guimarães - 2012* começou, então, logo mal, quando começou pensada pelo rabo de uma indústria utópica e salvífica, como utopia *kitsch*, na verdade distopia, de uma inteligência e de uma profundidade eterna e infinitas capazes da revolução definitiva da velha *micropólis* industrial, provinciana e lenta. Peneirices, em suma. A metáfora e a ambição foram um desastre. A indústria como utopia é o espaço da velocidade e da repetição, da cognição limpa como metástase cultural. Por isso, um acontecimento cultural, certamente no sentido em que provido de valor cognitivo (e não simples *shock* televisivo e

imagético), pensado como uma indústria e visando a produção industrial, é uma impossibilidade lógica. Bem entendido, uma metástase não deixa de ser um acontecimento vivo. Só que dura pouco, ou menos do que o sistema metastizado, de ordem superior, gostaria de durar. Daí que não espante que até a protagonista administrativa da fábrica, excessivamente veloz, se tenha consumido a ela própria, ou, mais rigorosamente, tenha sido consumida pela sua própria segregação. Tão rápida foi (auxiliada fraternalmente pelos catalisadores e cínicos profissionais altamente experimentados que a rodeavam) que se dissolveu antes do caso, ainda que não conseguindo evitar os proveitos de hábito, pagos pelos habituais. Por aí, aliás, nenhuma novidade, incluindo o absurdo da engenharia económica e imaginária global. As coisas são sempre um pouco mais complicadas e nem sempre a lebre ganha à tartaruga.

2. Coração e amor pela terra

Onde a *Capital Europeia da Cultura – Guimarães - 2012* esteve muito bem foi na promoção da cidade, turística e politicamente.

Dirigida para dentro, a comunicação apelou ao provincianismo mais cardíaco, a província de si mesmo sob a forma de um coração, que, aliás, rapidamente foi, e muito bem, glosado na Marcha Gualteriana (acho que em 2013). Os corações têm o efeito de se darem do lado de dentro, de pulsarem, de serem vermelhos como a bandeira e, claro, conspicuamente românticos. Madame Bovary morreu de amores por uma pulsão cardíaca e um histerismo subjetivo. Mas enquanto durou estava viva, e isso é que interessa. O patético é sempre uma emoção estética diferida. Entretanto, entre o momento do tédio e da morte, Bovary legou-nos um tipo vivido e vivo, telenovelesco, é certo, mas que não é coisa pouca e largamente antecipando os maiores sucessos televisivos (ainda que aquém do tédio e da morte, um pouco mais importantes).

Nada de confusões. Não desconsidero o valor do amor, e mais ainda do amor à terra. Nem confundo o amor à terra com o onanismo. Quando Onan, desrespeitando a ordem de seu pai, Judá, em vez de assumir o levirato derrama o sémen na terra evitando dar um primogénito ao seu irmão para assim herdar os seus bens (Génesis 38:9-10), a relação

de Onan com a terra é tudo menos sagrada. Amar a terra não é, necessariamente, um *coitus interruptus*. Também pode ser um cuidado pela casa, uma vinculação mais ou menos extática com a infância, um carinho e um cuidado de si e de uma certa ideia de história por vir, uma consumação inteira, uma comunhão e uma promessa que tem que se cumprir. Isto é amor à terra.

Esta relação de intimidade, este amplexo sanguíneo da *CEC - Guimarães - 2012* com as crianças, as camisolas, as fotografias, as lojas de roupa, de sapatos, de lingerie, cafés históricos, restaurantes e agentes turísticos foi um justo sucesso. Não se sabe, é certo, quanto deste fluxo acabou por refluir para o sucesso económico e turístico de Guimarães e Portugal. Mas é exagerada a ambição analítica e causal destes eventos de economia catalítica. Alguma coisa aconteceu. Sem dúvida.

Mas para além desta desfalecimento bairrista tão eficazmente produzido pelo publicismo palaciano (na indústria a eficácia é tudo), há que não desmerecer o peso dessa inventividade sentimental na produção de uma certa homogeneidade local, inevitavelmente representada pelo representante, o Político, o natural atrator dessa força e legítimo usufrutuário desse poder simbólico. Neste como noutros casos, sobretudo neste tempo de irrealidade comunicacional, a “ilusão vital” do real só ganha algum peso no agenciador administrativo, tornado O Único. Tudo se esvai, como se sabe, menos o que, de tempo a tempo certo, se renova numa fórmula velha de legitimidade. E essa velha legitimidade política administrativa saiu amplamente reforçada da *CEC - Guimarães - 2012*.

3. Zombismo

Àquele reforço do Único local (se descontarmos o poder real do dinheiro) não foi estranho a quase completa gaseificação (no duplo sentido de desaparecimento e sofrimento químico) do que não se subsume, no território, à legitimidade político-administrativa.

A *CEC - Guimarães - 2012* nasceu com aquele pecado original de criação *ex-nihilo*. O pecado é conhecido e o problema é antigo. Há ou não um fundo *ex-ante*? Será que o Criador recorreu a uma matéria negra ou a um ruído de fundo que, mesmo que longinquamente, estabelecia alguma

regularidade? Será que ele mesmo afinal não seria dois em vez de um, uma espécie de assimetria de si mesmo pela qual se dá a conhecer a si próprio, enquanto traz à audição ordenada a desordem de fundo?

Samael, o Cego, no *Evangelho Secreto de João*, o arconte zarolho, dizia que era único e que não havia outro para além dele. Nunca tinha lido Derrida nem ouvido falar da lógica do suplemento (e mesmo lendo, não é fácil entender...). Vai daí, lança o mundo como uma bola de bilhar, um *snooker* industrial e especializado, subjugado pelas leis da física e pela cosmologia do martelo. Mas a coisa não corre bem. Há sempre quem não se guie pelas leis da física ou que, pelo menos, resista, empenhado numa *buguelogia* (ciência do cometimento de erros) universal, ainda que pré-científica, capaz de resistir à *burguelogia*.

A lógica do martelo constitui a confirmação violenta da lógica do suplemento (não que Thor tenha algo a ver com isto; pelo contrário, a angústia pop do herói da Marvel é anacronicamente existencialista e algo sartriana). Esmaga tudo que não devesse dela, confirmando-o como cadáver.

Daí a tentação pop, outra vez, dos mortos vivos, do falso suplemento vitamínico para os indígenas, a invenção publicista do morto vivo, ou do vivo morto, do cadáver andante, que não mete medo mas cria a ilusão de um movimento eterno com o seu quê de biológico, ainda que impossível. É nesta categoria que cabem os principais projetos locais da CEC - *Guimarães - 2012*, sejam os do movimento associativo autónomo (sob a forma de decadência e exalação) ou de outros que só nascem depois de terminada a criação e exauridas as criaturas, sob a forma disforme de horror arquitectónico (como convém aos zombies e ao memorialismo).

Quanto ao que é vivo, possível e frágil, lá vai andado. Sobrevivendo.

4. Conclusão

Concluindo: não foi mau, o negócio continua e incrementou-se, o presente continua duro mas não insuportável, a esperança não morreu.